

A EMERGÊNCIA DO PARADIGMA DO SENSÍVEL

Danis Bois

Universidade Moderna de Lisboa, Portugal – Universidade de Sevilha, Espanha

Didier Austry

Universidade Moderna de Lisboa, Portugal – Universidade de Rouen, França

Apresentação

Este artigo é uma apresentação dos princípios fundamentais do paradigma do Sensível. Nós empregamos deliberadamente o termo *paradigma*, primeiramente porque nossa experiência é suficientemente madura e rica, em seguida porque nossas pesquisas desenvolvidas no seio do CERAP e nossas colaborações com outros centros de pesquisa (Québec, França, Grécia) nos mostraram que nossa reflexão teórica era também suficientemente conclusiva e inovadora para justificar o emprego desse termo.

Nosso projeto fundamental é o de contribuir para reabilitar o corpo sensível, enquanto dimensão experiencial e enquanto fonte de conhecimentos, apoiando-nos em resultados de pesquisas desenvolvidas no âmbito do centro de estudo e de pesquisa aplicada em psicopedagogia perceptiva (CERAP) na Universidade Moderna de Lisboa e na Universidade de Sevilha (Bois, 2007).

Para dar o devido destaque à inovação que representa o paradigma do Sensível, queremos enfatizar inicialmente nosso trabalho de pesquisa. A dimensão do Sensível nasce de um contato direto e íntimo com o corpo e é a partir dessa experiência que se constrói progressivamente, no praticante, uma nova natureza de relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo, e o surgimento de uma nova forma de conhecimento. Uma relação que podemos qualificar de criativa e que coloca, como veremos, a presença de si no centro do processo de acesso ao conhecimento.

Trata-se, portanto, de ciência e de arte ao mesmo tempo. De fato, nossa pesquisa tem caráter científico, na medida em que respeita critérios de rigor próprios à pesquisa qualitativa, mas também é arte, quando deixamos um amplo espaço para a criatividade que emerge em tempo real da própria experiência.

Trata-se de um modelo teórico, mas um modelo enraizado numa experiência específica, a do corpo sensível; e trata-se de uma produção de conhecimento, conhecimento igualmente específico, uma vez que se origina da experiência do corpo sensível.

O Sensível, primeira abordagem

Para começar, que entendemos nós por *Sensível* e por *corpo sensível*? Na sua acepção corrente, Sensível significa, inicialmente, a relação com os sentidos, a visão, a audição, o tato... Sensível designa, portanto, a capacidade de um órgão, ou do corpo de maneira geral, de reagir a um estímulo, um acontecimento. A sensibilidade designa a propriedade de todo tecido vivo de ser reagente, e assinala a pertença do que é vivo ao mundo que o cerca.

Ao mesmo tempo, o termo sensibilidade traz com ele uma dimensão qualitativa que indica a ressonância subjetiva que acompanha toda a recepção de informação pelo corpo. Não se trata, portanto, de restringir o termo de Sensível ao campo biológico ou orgânico, mas de reunir subjetividade e organicidade; o Sensível é, para nós, a via de passagem que unifica corpo e espírito, o que nós chamamos a afinação somato-psíquica (Bois, 2006).

O Sensível como objeto de nossas pesquisas é ao mesmo tempo mais geral, porque não se limita a uma abordagem orgânica, e também mais específico, porque envolve o Sensível do próprio corpo. A *fibra sensível* do corpo, como a chamamos (Bois, 2006), representa primeiramente a capacidade de ser tocado, a capacidade de responder, e o potencial de evolutividade autônoma. Sensível é, portanto, esse corpo que desenvolve e atualiza sua sensibilidade potencial, mesmo além das capacidades de percepção habituais do sujeito.

Como veremos, este Sensível que se descobre surge com o *movimento interno*, uma animação autônoma do conjunto dos tecidos do corpo, e que representou, para nós, o ponto de partida de nosso trabalho de pesquisa. Neste sentido, o Sensível designa então a qualidade dos conteúdos de vivências oferecida pela relação com o movimento interno, e a qualidade de receptividade desses conteúdos pelo próprio sujeito. O movimento interno é, para nós, o primeiro suporte de uma subjetividade corporizada. Sob essa relação, o sujeito descobre uma outra que é dele mesmo, de seu corpo e de sua vida, ele se descobre *sensível*, ele descobre a relação com *seu Sensível*.

Enfim, pelo fato de remeter à noção de sentido, o termo sensível faz também referência à noção de *significação*. Isto representou uma de nossas grandes surpresas, ao nos dar conta de que os conteúdos de vivências em ligação com o movimento interno não eram apenas percepções do corpo, mas também *portadores de sentido* para o próprio sujeito, portadores de um novo tipo de conhecimento.

No paradigma do Sensível, denominamos este novo tipo de conhecimento como *conhecimento imanente*; imanente porque emerge de uma relação com o movimento interno, princípio cinético que anima toda a matéria do corpo.

Há, assim, numerosos pontos comuns com certas correntes da fenomenologia contemporânea (como, por exemplo, M. Merleau-Ponty, M. Henry, N. Depraz) que insistem sobre a dimensão carnal da subjetividade e sobre o lugar do corpo nos processos de conhecimento. O paradigma do Sensível pretende ser um prolongamento do que propõe C. Dauliach: “*O corpo não exerce uma função de conhecimento unicamente dirigida para o exterior, mas é capaz de se voltar para si mesmo, de tornar-se ao mesmo tempo origem e finalidade de sua exploração, de suas incursões gnósticas.*” (Dauliach, 1998).

Mas, se nos propomos neste artigo a descartar certas convergências com a fenomenologia, insistiremos também sobre perspectivas novas e divergentes que a “práxis” do Sensível nos fez descobrir.

Finalmente, o termo Sensível aponta também para uma perspectiva existencial que sustentamos, considerando que ele remete ao sentido da própria vida. E nossa pesquisa

nos convida a um questionamento: o homem está disposto a encontrar a parte sensível de seu ser? Ele é capaz, a partir desse encontro, de modificar a concepção do mundo sobre a qual baseia suas escolhas de vida? Estará ele pronto a mudar a relação que tem com sua vida, a partir de uma renovação da relação com seu corpo? Simplesmente, será possível viver numa maior proximidade consigo mesmo?

Por trás deste componente, há a vontade de encontrar uma qualidade de presença em sua própria vida. Existir, para Heidegger, significa estar atento à sua vida, compreendê-la de outra maneira que não pelo esforço intelectual, e renunciar ao absurdo de uma vida privada de sentido.

O movimento interno

O primeiro pilar, fundamental, do paradigma do Sensível é o movimento interno. Inúmeras obras o descrevem, principalmente em suas ligações com a dimensão terapêutica (Bois & Berger, 1989; Bois, 2005, 2006, 2007; Berger, 2006 a).

O que aparece quando o sujeito se volta para sua interioridade, para o “dentro dele mesmo”? Ele descobre a presença de um *movimento interno* que se move no seio da matéria e que traz consigo o princípio primeiro da subjetividade. Isto é para nós o que define a presença do Sensível e a relação de uma pessoa com o Sensível: o momento em que a pessoa é testemunha, em plena consciência, do processo dinâmico que ela sente em si mesma.

Nós abordamos o movimento interno como uma animação da profundidade da matéria, trazendo com ela uma força que participa, não somente da regulação do organismo, mas também do equilíbrio do psiquismo. De nosso ponto de vista, trata-se antes de uma substância em movimento, que de uma essência acabada. Efetivamente, o que aparece nessa relação de percepção não está determinado de maneira definitiva; ao contrário, aparece sempre sob a forma de um processo evolutivo, num “vir-a-ser” permanente.

O Sensível designa, então, inicialmente, o que emerge da relação particular, não habitual, que denominamos *extra-cotidiana* (Bois, 2005, 2006, 2007; Berger, 2006 a), que o sujeito estabelece com seu corpo e com sua interioridade. O Sensível é o que se produz nessa experiência sob a forma de conteúdos de vivências específicas, em ligação com a animação interna. Os primeiros fenômenos que o sujeito pode sentir são, por exemplo, um calor, a presença de um movimento lento, autônomo, um sentimento de maior globalidade, ou ainda nuances variadas.

O sujeito, no contato com esse movimento, descobre num primeiro tempo os efeitos que tal proximidade consciente provoca. Ele constata, então, mudanças de estado de natureza física e psíquica, segundo o grau de presença que estabelece consigo mesmo e com seu corpo e segundo o grau de expertise que desenvolveu. Considera freqüentemente o movimento interno, nessas primeiras experiências, como uma simples animação benéfica

Mas, com ajuda da aprendizagem, o sujeito penetra mais intimamente no mundo do Sensível e torna-se capaz de seguir diretamente todo o processo que o aproxima de seu ser em transformação e de descobrir, dessa maneira, a dimensão de sentidos imanente a esse processo. O movimento interno muda então progressivamente de estatuto para

tornar-se uma maneira diferente de ser para si, mais presente, mais implicada, mais serena, ou mesmo, num outro nível, para tornar-se o vetor de um pensamento inédito.

Em resumo, o acesso ao Sensível desvela assim todo um universo de tonalidades e de nuances que tomarão ora a forma de sensações cinéticas precisas (que chamamos “fato de consciência”), ora a forma de informações significantes (que chamamos “fato de conhecimento”), ora a forma de tomadas de consciência espontâneas feitas por contraste (Bois, 2005, 2007; Berger, 2006 a). Isso para indicar já como tal relação com o Sensível dá acesso a um novo modo de conhecimento, ligado à sensação corporal.

As características desse tipo de conhecimento serão descritas mais detalhadamente abaixo, pois ele constitui, em nossa opinião, um dos aspectos mais importantes e inovadores de nossa pesquisa. Queremos chamar a atenção aqui, num primeiro momento, para o fato de que essas informações não são arbitrárias ou aleatórias, mas estão, para o sujeito, em ligação com seu potencial de transformação.

Finalmente, queremos também destacar o fato de que, embora o movimento interno tenha sido a descoberta que motivou nossa pesquisa, o Sensível não se limita ao universo cinético interno que este nos desvela, mas remete geralmente à noção de *relação* que o sujeito mantém com seu movimento interno, com seu corpo, enfim, com toda experiência.

Nós voltaremos a essa questão fundamental. Antes disso, penetremos na natureza do movimento interno.

O movimento e a potencialidade

A noção de potencialidade constitui o segundo pilar do paradigma do Sensível. A potencialidade é uma maneira de encarnar a esperança e a evolutividade, que diz respeito, não somente à condição humana, mas também à natureza humana. Ela evoca um princípio de força que impulsiona ou puxa o homem para o melhor ou, pelo menos, para o “maior”. Encontramos aí o desejo de Spinoza que procurava a passagem de um estado de imperfeição para um estado de perfeição, de um estado de tristeza para um estado de alegria. Assim, a potencialidade traz com ela uma noção de força de crescimento que guia o ser humano de estado em estado, de etapa em etapa, ao longo de sua vida, para lhe permitir o desdobramento do que existe em potencial na sua própria intimidade.

Tradicionalmente, a potencialidade é vista como uma disposição virtual, uma aptidão presumida, ou ainda um poder oculto, potencialmente atualizável. C. Rogers e a corrente humanista em geral dava destaque à noção de potencialidade para que a atitude do terapeuta ou do pedagogo se apoiasse sobre disposições individuais ou universais, sempre presentes no homem, em quaisquer circunstâncias; é preciso olhar o homem *em transformação* e não considerá-lo como um ser acabado.

Mas, além da idéia de um otimismo humanista, existe uma outra faceta da noção de potencialidade que nos parece igualmente importante. É verdade que este termo carrega uma dimensão de *educabilidade*, de *modificabilidade*, de *formatividade*, isto é, de

reversibilidade de um estado imóvel e fixo para um estado de mobilidade e de evolutividade, por poucas que sejam as condições favoráveis ao seu despertar encontradas pela pessoa. A potencialidade representa, então, uma função de crescimento, de superação de si, mas também um lugar da natureza humana que não foi ainda explorado.

Além de todas essas propriedades de universalidade conferidas à potencialidade (esperança, evolutividade, movimento, força de crescimento, educabilidade), a potencialidade, tal como a vemos em nossa abordagem, é *uma realidade tangível e perceptível* no corpo e pode ser em parte desvelada à consciência, graças a um trabalho específico. A potencialidade cessa então de ser um princípio virtual para se revelar, como o havíamos apresentado, sob a forma do movimento interno que anima a interioridade do corpo. Este é, efetivamente, não somente uma faculdade própria do ser vivo encarnado, mas também uma força de mudança que conduz sempre para uma melhora.

A evolutividade da relação com o Sensível, que nós apresentamos acima, é uma outra expressão viva dessa potencialidade que encarna o movimento interno. O movimento interno é princípio de evolutividade pela sua própria natureza, mas a relação que mantém o sujeito com seu movimento interno é igualmente evolutiva. Esses dois aspectos vistos em conjunto permitem compreender o caminhar de um sujeito que descobre, passo a passo, a força de transformação que existe no movimento interno.

Uma relação singular percebida, sentida e conscientizada

Nós demos as primeiras características do Sensível como *conteúdo do sentido*, em ligação com o movimento interno. Mas, já que falamos de sentido, o que está em jogo é também a *relação* que o sujeito mantém com sua própria interioridade. Precisamos apresentar agora a natureza desta relação que penetra o mundo do Sensível. Essa noção de relação nos faz ver o Sensível como sendo também *um ato específico de percepção*.

A terapia manual foi para nós, durante muito tempo, o meio privilegiado de experiência e de pesquisa. Ela continua a sê-lo, certamente; mas, o desejo de favorecer no sujeito o encontro pleno e inteiro com o Sensível do corpo nos levou a rever outras áreas de experiência apropriadas. Assim, a postura em primeira pessoa aparece particularmente adaptada para criar as condições de emergência e de apreensão de uma vida subjetiva intensa. Ela oferece uma via de acesso a esta vida puramente privada, impossível de observar do exterior, e não observada em condições habituais.

É portanto pertinente apelar para a introspecção sensorial (Bois, 2006, 2007; Berger, 2005; Bourhis, 2007; Courraud, 2007) e por meio dela desenvolver a sensibilidade perceptiva do sujeito de seu próprio movimento interno. A primeira operação da introspecção sensorial consiste em cuidar da presença do silêncio. Esta relação com o silêncio faz-se por uma abordagem metódica e progressiva que se prende aos detalhes que aparecem no campo perceptivo do movimento interno. A atenção ao silêncio e à sua encarnação no próprio corpo permite a descoberta de novas percepções: sensações físicas, primeiramente, calor, descontração, depois sensações de qualidade do movimento, sensações de tonalidades, ou ainda de estados de espírito. Mas o que causa

mais admiração é certamente a experiência vivida e conscientizada de uma mobilidade que se move lentamente e de maneira encarnada no seio de uma imobilidade interior.

Nesta experiência, o sujeito encontra diferentes graus de maleabilidade ou de densidade interior, diferentes estados e mudanças de estados, passagens da tensão ao relaxamento, da agitação à tranquilidade, de um sentimento a outro... O Sensível não aparece mais aqui como sendo fruto de um dos seis sentidos objetivados, mas é uma espécie de “sétimo sentido”, revelando-se na experiência como proveniente, de maneira uniformemente repartida, do conjunto do material do corpo.

Fazer a experiência do Sensível, então, não é mais perceber o mundo, também não é mais perceber seu corpo, é *perceber-se percebendo*. Retomamos a amplitude do termo *sensação interna* definido por Maine de Biran (1995) como natureza de sensação acompanhada de um sentimento interior imediato que nos faz percebê-lo. “Perceber-se percebendo” é já um sinal de que o vivido corporizado, emergindo da relação com o Sensível, está bem conscientizado pelo sujeito; mas é também a marca da relação singular que o sujeito estabelece com a experiência sentida.

A noção de singularidade traduz geralmente a singularidade da relação com a experiência, a saber: “Isto aconteceu comigo, e não a qualquer outro”; ou ainda: “Eu vivi esta experiência à minha maneira”; e enfim: “ Por esta experiência, eu forjei meu próprio ponto de vista”. Essas três maneiras de especificar a ligação apontam para a distinção entre o que é si e o que não é si, mas também, mais sutilmente, entre o que pertence ao sujeito como realmente próprio dele, ou não; o que lhe pertence como massa de idéias ou de representações coletivas que acabaram por penetrar em maneiras de ser.

No campo do Sensível, a singularidade se observa na maneira pela qual o sujeito experimenta, prova, sente, integra, dá valor a essa experiência da presença para ele mesmo, através da percepção do movimento interno. Isso mostra que nós queremos introduzir na noção de singularidade esta dimensão qualitativa intensa de presença de si na ação. Assim, é esta relação *singular*, no sentido de específica, e aqui extra-cotidiana, que participa plenamente da *singularidade* da relação de percepção do sujeito com ele mesmo.

Essa vida rica e variada possui, como dizíamos acima, sua própria evolutividade e a ferramenta principal que favorece tal evolutividade é o ponto de apoio que realiza o sujeito de si mesmo para si mesmo (Bois, 2005, 2007; Berger, 2006b; Bourhis, 2007; Courraud, 2007). Esse ponto de apoio faz com que a atenção do sujeito se estabilize, que ele se mantenha numa espera aberta às fronteiras do conhecido e do desconhecido.

É geralmente quando ocorre o tal ponto de apoio que o sujeito faz a experiência de um novo encontro consigo mesmo. Encontro que o faz descobrir um sentimento fundamental da existência, a existência da vida no corpo, a existência de uma subjetividade encarnada, a existência de sua vida se expondo ao olhar de sua própria presença.

Para nós, o termo existência só é empregado de maneira pertinente e apropriada quando ele descreve o que sente um sujeito ativo e presente aos efeitos, na interioridade de seu corpo, daquilo que ele vive. Nesta visão, não há (re)conhecimento de si sem o

sentimento interior e contínuo de uma coexistência viva e atual de si e de seu corpo, de si *dentro* do seu corpo. Assim, o corpo sensível é lugar de emergência perpétua de uma forma singular de ligação entre si e si, que se torna o primado da ligação entre si e o mundo.

A neutralidade ativa como postura de apreensão do Sensível

O Sensível diz respeito, tanto à ligação entre um sujeito e sua experiência, como ao conteúdo da própria experiência. Especifiquemos, então, o tipo de atitude que o sujeito deve adotar para entrar em relação com o universo do Sensível. Esta postura, que é um dos pilares fundamentais do paradigma do Sensível, nós a definimos como uma *neutralidade ativa* (Bois, 2005, 2007; Berger, 2006 b), resultado do equilíbrio delicado entre neutralidade e atividade.

A parte de neutralidade corresponde a um “deixar vir a si” os fenômenos em ligação com o movimento interno, sem pré-julgar o conteúdo preciso que está por vir. Neste quadro de observação, o movimento interno “toma corpo” para o sujeito que percebe, e impregna sua matéria, sua consciência e seu pensamento. O “deixar vir a si” é um “saber esperar” que consiste, primeiramente, em não antecipar o que virá. É graças à suspensão de toda antecipação que o “saber esperar” está apto a oferecer sua plena dimensão. É também o que permite respeitar o princípio da evolutividade do Sensível que se revelará na medida da capacidade perceptiva do sujeito.

A parte ativa consiste em proceder a reajustes perceptivos permanentes, em relação com a movimentação que se acolhe. Esses reajustes são igualmente necessários para “colar” à evolutividade do Sensível.

A dimensão de atividade não se compreende se não for impregnada de neutralidade: ela é, por natureza, diferente de um ato voluntário clássico. Quando surge, a postura de neutralidade ativa procede de uma infinidade de precauções, a fim de não pesar sobre os fenômenos que emergem da relação com o Sensível. Voltaremos à descrição desse processo por ocasião da apresentação do modelo do advir que é, de certa forma, sua outra vertente, vista do ângulo do próprio Sensível.

Assistimos, então, a uma mutação da atenção, enquanto ato voluntário do sujeito, para uma *atencionalidade*, que definimos como uma qualidade dos próprios fenômenos do Sensível, capazes de se oferecer à atenção do sujeito. Esta última é, de certa maneira, “aspirada” pelo fenômeno que emerge e que se impõe por ele mesmo no campo perceptivo. Nós falamos aqui de *reciprocidade de ressonância* entre conteúdo observado e observador. No âmbito dessa reciprocidade sensível revelam-se idas e vindas espontâneas que se potencializam mutuamente e simultaneamente pela intervenção da atencionalidade.

Para descobrir esse processo, preferimos o conceito de neutralidade ativa ao de “*epochè*” (suspensão do julgamento), proposto pela fenomenologia (Husserl, 1965, 1996; Varela, Vermersch, Depraz 2000). A neutralidade ativa convida o sujeito a se manter num “outro lugar” e “de outra maneira”, no âmago do ato perceptivo, a se ancorar profundamente numa relação com ele mesmo e não necessita nenhum ato *voluntário* de redução, de suspensão de aquisições, de hábitos, etc.. Trata-se, ao contrário, de cuidar da presença de si e de habitar o lugar do Sensível, onde o aparecer

ocorre sob uma forma em perpétuo movimento. Uma outra diferença, que nos parece essencial e à qual voltaremos mais adiante, é que a neutralidade da qual falamos repousa paradoxalmente sobre uma total implicação do sujeito no ato perceptivo, uma total implicação na relação com o Sensível; enquanto nos parece que a fenomenologia, por *epochè*, entende a neutralidade em seu sentido habitual de apagar-se ou afastar-se de si.

O caráter flutuante e movediço do fenômeno sensível nos leva a desenvolver a noção de imediação que traduz um ato em relação imediata com alguma coisa de si. Em fenomenologia, é considerado como imediato o que não evoca nenhum conhecimento prévio que se poderia confundir com o dado real da experiência vivida pelo sujeito que conhece. É por isso que, para a fenomenologia, o *“epochè”* se impõe como uma necessidade. Observa-se, em parte, a necessidade de dispensar o antigo, o conhecido, os pressupostos, as expectativas, na exigência perceptiva da neutralidade ativa. Mas o processo de acesso aos fenômenos nos parece diferente na experiência do Sensível: nós não procuramos uma forma de vida, mas, ao contrário, a plenitude de sentido emergente de uma proximidade radical do sujeito com sua dimensão corpórea sensível. Neste contexto, a *“imediaticidade”* é, em resumo, o que há de mais profundamente percebido no âmago da realidade presente. Guardemos aqui a noção de profundidade que esvazia a idéia de uma imediaticidade *“periférica”* que não acrescentaria nada de espontaneamente formador.

Uma ciência das relações

Estamos agora em condições de poder indicar o princípio essencial do paradigma do Sensível: o paradigma do Sensível remete a uma *ciência das relações*.

O primeiro tipo de relação que nós abordaremos é o que existe entre o sujeito e seu movimento interno, entre o sujeito e o lugar do Sensível: implicação, indiferença, ou ainda interesse, são exemplos de qualidades de relação que se podem encontrar.

Essas diferentes qualidades indicam um tipo de relação preciso entre o sujeito e seu corpo, um tipo de presença do sujeito com ele mesmo e com sua interioridade. Podemos observar que, a cada tipo de relação, está associada uma qualidade específica do conteúdo perceptivo: a indiferença para com seu próprio corpo deixa percebê-lo apenas como um objeto *“indiferente”*, o interesse por si mesmo dá acesso a conteúdos de sentimentos mais ricos, etc.

Esta observação nos levou a caracterizar precisamente o tipo de relação pelo qual o Sensível se dá: nós a denominamos *reciprocidade atuante* (Bois, 2007; Bourhis, 2007 a e b; Courraud, 2007). Escolhemos o termo *“reciprocidade”* para insistir no fato de que o Sensível ocorre num modo de implicação partilhada do pedagogo com seu estudante, do terapeuta para seu paciente e, sobretudo, do sujeito em relação a seu próprio movimento interno. É pela implicação total do sujeito na relação de percepção de si que o Sensível se revela: o Sensível não é um objeto exterior ao sujeito, o Sensível é o próprio sujeito em seu porvir atualizado. A evolutividade que nasce dessa implicação na relação com o Sensível, de causa e efeito, de efeito que se torna causa efetiva do efeito seguinte, é um sinal da reciprocidade entre a pessoa, o terapeuta *“percebedor”* e o que é percebido.

Enfim, nós definimos a reciprocidade pelo termo “atuante” para dar destaque aos seguintes fatos: a relação com o Sensível resulta sempre de um ato consciente, numa situação especificada; há o desenrolar de uma ação precisa; há condições de acesso precisas. Além disso, “atuante” lembra também a noção de evolutividade própria do Sensível: efetivamente, o Sensível é uma potencialidade que *se atualiza* pela relação de implicação que o sujeito estabelece com ele mesmo.

Este modo traduz, então, uma relação de implicação e de influência recíprocas entre o percebedor e a coisa percebida. A reciprocidade atuante constitui, assim, para nós, o primado da relação que um sujeito estabelece com ele mesmo mas também com o outro. Pensemos na relação do toque num quadro terapêutico, por exemplo. Ela dá lugar a variações infinitas, a passagens de estado para outros estados, a uma circulação de sentidos que se produz no sujeito que dela é causa. O observado e o observador caminham juntos e se influenciam mutuamente e permanentemente na clarificação sensorial e cognitiva do que emerge da relação com o corpo sensível.

Ligado a essa primeira relação, podemos igualmente caracterizar o tipo de relação que o sujeito mantém com seu corpo. Na linha de nossa argumentação, que tende a promover o Sensível corporal, parece-nos oportuno chamar a atenção para as relações habituais, comuns, com o corpo, a fim de lhes modificar o estatuto e de abrir outros possíveis (Bois, 2007).

Nós repertoriamos em nossa tese, *O corpo sensível e a transformação das representações no adulto* (Bois, 2007), toda uma gama de relações com o corpo que se declinam segundo o modo de percepção, mais ou menos afinado, do sujeito percebedor: “eu tenho um corpo”, “eu vivo meu corpo”, “eu sou meu corpo”, enfim, “meu corpo me ensina alguma coisa de mim mesmo”.

“Eu tenho um corpo” traduz uma relação de indiferença e de distanciamento em relação ao corpo, considerado como um *corpo objeto*. Ele é considerado como uma máquina, utilitário, um simples executor submisso ao comando voluntário da pessoa. Nesta situação, a relação com o corpo define na realidade uma ausência de relação, pois o “proprietário” não faz em sua direção nenhum esforço perceptivo e apenas solicita para ele uma atenção de baixo nível.

Passar do corpo objeto ao *corpo sujeito* exige uma mudança de atenção e de percepção traduzida nas expressões “eu vivo meu corpo” ou “eu sou meu corpo”. ‘Eu vivo meu corpo’ é já um *corpo sentido* que necessita de um contato perceptivo. Entretanto, nesse estágio, a percepção está frequentemente reduzida a uma ligação com os estados físicos: tensão, descontração, dor, prazer, etc.. É somente quando ‘eu sou meu corpo’ que o corpo se torna realmente *sujeito*, lugar de expressão de si através do que é sentido, implicando um ato de percepção mais elaborado em relação ao corpo.

A última relação, que é indicada pela expressão “meu corpo me ensina alguma coisa de mim mesmo”, constitui o corpo que chamamos de *corpo sensível*. O corpo sensível torna-se “caixa de ressonância da experiência, capaz de receber a experiência e devolvê-la, de alguma maneira, ao sujeito que a vive” (Berger, 2005). O leitor pode notar aqui o elo claro entre esta última relação e a noção de reciprocidade atuante, como foi caracterizada acima.

Vemos aparecer, então, neste último tipo de relação com o corpo, um *conhecimento de relação* no qual o movimento interno transporta com ele um sentido que se determina pelo sujeito, desde sua emergência, e que toma forma evolutivamente no tempo por vir. Todo afeto instantâneo envolve uma passagem ou uma transição no nível do Sensível. Retomamos aqui uma expressão do afeto de Spinoza: uma passagem de um estado anterior ao outro estado, vivido, sentido, experimentado e conscientizado, mesmo que a informação imanente, aqui ligada ao Sensível, seja de natureza diferente da que foi descrita por Spinoza.

Em último lugar, no processo que vai da percepção do Sensível à apreensão do sentido que dele se desprende, assistimos à eclosão de um eu que ultrapassa o eu social ou psicológico, a que chamamos de *eu que sente*. Este nos interessa mais particularmente porque ele é, ao mesmo tempo, *sujeito conhecente* e *sujeito que sente*. Ele se distingue dos outros eu, na medida em que é um *eu de relação*, atingindo as camadas mais profundas da interioridade do homem. Ele tem acesso à experiência pessoal, às confidências corporais.

A percepção sensível e a percepção do Sensível

Antes de ir mais longe na descrição dos outros pilares do paradigma do Sensível, parece-nos importante precisar o que entendemos por *percepção do Sensível*, em contraste com uma noção já utilizada por certas correntes das ciências humanas que militam por uma *percepção sensível*. Nós convidamos, então, o leitor a fazer a distinção entre percepção sensível e percepção *do* Sensível (Bois, 2005; Berger, 2005).

Uma primeira diferença é que, habitualmente, a percepção sensível é vista como sendo apreendida do mundo exterior ou de um objeto, e o adjetivo sensível designa a qualidade potencialmente presente nessa relação. A percepção *do* Sensível insere-se numa relação direta, íntima e consciente com certas manifestações da interioridade corporal. A diferença é que, na percepção de um objeto, o objeto já está lá, exterior e à distância, enquanto que, na percepção do Sensível, trata-se da percepção do próprio sujeito, por ele mesmo, o Sensível existe apenas a partir dessa relação de imediaticidade e de intimidade do sujeito com ele mesmo. Assim, não falamos de percepção sensível propriamente dita, dedicada à apreensão do mundo, mas de percepção *do* Sensível que emerge de uma relação de si para si.

A segunda diferença repousa sobre a natureza de conhecimento pré-reflexivo (vamos ser mais precisos sobre essa noção) posta em jogo nos dois tipos de percepção. Se nos apoiarmos na literatura sobre a percepção, o dado sensível, o dado dos sentidos é portador de uma significação própria que antecede qualquer processo de pensamento desenvolvido pelo sujeito que percebe. Assim, quando o sentido da visão capta uma árvore, por exemplo, ele não precisa de reflexão para reconhecer que se trata mesmo de uma árvore. A visão da árvore traz com ela o re-conhecimento, que é um conhecimento de que “é uma árvore”. Esse tipo de conhecimento faz parte do que é chamado o conhecimento pré-reflexivo, ou o pré-reflexivo.

Na mesma ordem de idéias, mais ligada ao imaginário, se, sob um sol escaldante, uma árvore se ergue bem no meio do deserto, deixando aparecer sob sua folhagem uma zona sombreada, esta visão sugere a idéia “não reflexiva” de uma fonte de agradável frescor.

Essa atmosfera de frescor e de bem-estar pode também reanimar no sujeito as lembranças passadas. Mas nesse caso, também, o cenário sensorial emerge de maneira pré-reflexiva. O mesmo ocorre com a razão sensível (Maffesoli, 2005) relacionada com a poesia. Assim, por exemplo, a significação da expressão “estou na aurora da minha vida” é compreendida pelo sujeito sem a ajuda de uma reflexão elaborada.

Merleau-Ponty, por pré-reflexivo, procurava também definir um tipo de conhecimento, ou de inteligência, diferente do conhecimento racional clássico. Ele se interessou muito pela motricidade que, para ele, era exemplar dessa inteligência espontânea. Assim ele escrevia na *Fenomenologia da percepção*: “Eu experimento meus movimentos como o resultado da situação, como a seqüência dos próprios acontecimentos; eu-mesmo e meus movimentos somos, por assim dizer, ligados simplesmente pelo processo total e eu não sou praticamente consciente de qualquer iniciativa voluntária... Isso ocorre independentemente de mim.” (Merleau-Ponty, 1945)

Existe, enfim, nas acepções correntes, um sensível afetivo que designa a relação que o sujeito mantém com seu estado interior. Assim, em função das sensações ligadas ao sentimento orgânico, o sujeito sabe se ele se sente bem ou não, sem que, para perceber seu estado, tenha que apelar para a reflexão. Às vezes, esse sentimento ainda não é um verdadeiro sentimento, pleno e distinto, mas está mais na ordem de estado de segundo plano (Damasio, 2005), uma impressão mais ou menos levada em conta, mas que não influencia menos o pensamento e o comportamento.

Assim, para resumir os componentes da percepção sensível, lembremo-nos de que o dado sensível traz com ele um valor de sentido que se dá ao sujeito na ação perceptiva imediata, sem necessitar da mediação de uma atividade reflexiva e sem ser, obrigatoriamente, plenamente conscientizado.

No caso da percepção *do* Sensível, é a relação com o corpo que contribui para a doação de sentido imediato, ou “sentido íntimo”, para retomar uma expressão de Maine de Biran; sentido íntimo que ele via como uma faculdade inteiramente à parte: “Quando se trata de fatos de sentido íntimo, qualquer outra faculdade, como a imaginação ou mesmo a razão sozinha, seria um juiz ruim e incompetente.” (Maine de Biran, 1939).

Além disso, para Biran, “eu sinto” caminhava junto com “eu sinto que eu sinto”, quer dizer que ele supunha um sujeito que percebe o que ele sente. Se tomarmos ao pé da letra a noção de “sentido íntimo”, vemos que há sentido, significação, trazida pelo que é sentido. O sentido íntimo que é recepcionado veicula, portanto, ao mesmo tempo, uma dimensão de sentido e uma dimensão de significação.

O ponto chave a fixar desta apresentação é o seguinte: são habitualmente qualificadas de pré-reflexivas as informações que se dão espontaneamente no âmago de uma experiência, sem ser obrigatoriamente conscientizadas como tais pelo sujeito. Não sendo a experiência objeto de atenção que permita a tomada de consciência dessas informações, elas assumem, então, o estatuto de implícitas (Vermersch, 2003).

Mas, para nós, a relação com o Sensível do corpo dá acesso a uma natureza diferente de pré-reflexivo, uma forma de “pensamento não pensamento” próprio do Sensível. Na percepção do Sensível, a informação significativa é sempre a que é disponibilizada de maneira consciente pelo sujeito, e é isso que lhe dá valor. Ela é igualmente pré-

reflexiva, no sentido em que sua emergência não é o resultado de um processo de reflexão elaborado por parte do sujeito.

Precisemos, enfim, que o sentido pré-reflexivo oferecido na experiência do Sensível, é portador de duas categorias distintas de significação. De fato, as informações que emergem da relação com o Sensível não são apenas informações ligadas ao que é sentido (por exemplo: “Eu sinto um calor novo”, “Eu sinto o movimento em minhas vísceras”,...); são também informações que têm um valor existencial para a pessoa, elas falam de sua vida, da potencialidade de sua vida: “É uma nova presença de mim”, “O que você espera da vida?”.

O quiasma do Sensível

Uma vez feitas as especificações e contextualizado o que entendemos por percepção do Sensível, podemos desenvolver outras facetas da natureza particular do próprio Sensível.

Em primeiro lugar, como demonstramos, quando o ato de perceber obedece a certas regras de presença de si na relação, o Sensível dá-se de uma forma manifesta. Em segundo lugar, a experiência não é aqui apenas ‘vívida’: além do que ela dá a sentir, libera-se igualmente seu sentido profundo, o valor que ela pode representar para a pessoa que a vive. O corpo sensível torna-se, então, propriamente, um lugar de articulação entre percepção e pensamento, na medida em que a experiência sensível desvela uma significação que pode ser captada em tempo real e integrada, depois, aos esquemas cognitivos de acolhimento existentes, numa eventual transformação de seus contornos.

O sensível torna-se, assim, um lugar de si onde se unificam as separações que dividem corpo / espírito, sensação / pensamento, subjetividade / objetividade, interioridade / exterioridade, visível/invisível. Assim, quando o sujeito tem acesso ao lugar do Sensível, experimenta um universo entrelaçado, interpenetrado, emaranhado que o surpreende, numa experiência que podemos, sem dúvida, aproximar do quiasma da carne, do qual fala M. Merleau-Ponty em *O Visível e o Invisível* (Merleau-Ponty, 1964 a).

O termo quiasma quer justamente dizer entrelaçamento, mistura, cruzamento. E Merleau-Ponty o utilizava como marca para ir além das dicotomias por muito tempo utilizadas, insistindo sobre os laços profundos entre percepção e pensamento, corpo e alma, passividade a atividade, palavra e pensamento. Assim, em suas notas de trabalho do *Visível e Invisível*, afirmava: “Há um corpo do espírito e um espírito do corpo, e um quiasma entre eles”. Isso mostra a importância da visão de Maine de Biran (1995) que, um século antes, escrevia já: “O homem não é para ele mesmo nem uma alma, apartada do corpo vivo, nem um certo corpo vivo, apartado da alma, que se unem sem se confundir. O homem é o produto dos dois, e o sentimento que ele tem de sua existência não é outro senão o da união inefável dos dois termos que o constituem.”

Por outro lado, Merleau-Ponty ampliou a noção de quiasma para além das relações entre alma e corpo. Ainda em suas notas de trabalho, ele escrevia: “O mundo da percepção invade o do movimento (...). Igualmente, o mundo das idéias invade o da linguagem (a

gente o pensa) que, inversamente, invade o das idéias (a gente pensa porque fala).” (Merleau-Ponty, 1965 a).

Mas, para ser mais preciso, parece-nos que Merleau-Ponty encarava a idéia de quiasma como um dado, um fenômeno já lá, a descrever na sua “factibilidade”. Já a relação do Sensível, se ela nos faz ver efetiva e permanentemente essa noção de cobertura e de mistura de duas forças opostas, cria um processo dinâmico contínuo que potencializa os contrários para fazer emergir uma terceira dimensão, abertura criativa de novos sentidos.

Por exemplo, quando o sujeito percebe seu movimento interno, ele o percebe no seio da imobilidade de seu corpo; a experiência desse quiasma lhe revela uma nova natureza de presença dele mesmo, a imobilidade revelando-lhe sua globalidade e a mobilidade mostrando-lhe uma profundidade desconhecida. A neutralidade ativa, descrita acima, representa um outro exemplo de quiasma. De fato, ela pretende manter o equilíbrio delicado entre uma postura de escuta neutra e uma atenção ativa; o efeito dessa postura é o de fazer descobrir ao sujeito uma proximidade íntima inédita e única com as vivências internas; única porque efêmera, efêmera porque sempre repousa sobre o equilíbrio frágil entre neutralidade e atividade. Enfim, o toque manual, baseado nas leis do movimento interno, também surge de um quiasma, o quiasma do “tocante-tocado” (Austry, 2006; Bois, 2006; Courraud, 2007). Entrar em relação com o movimento interno de um sujeito, pelo toque manual, demanda da parte do “tocante” uma implicação em seu gesto que vai além da empatia clássica e que se apóia sobre a relação que este instala com seu próprio movimento interno, o tocante torna-se tocado; o efeito que resulta dessa reciprocidade de ressonância, que já evocamos, é a emergência de um fundo perceptivo comum, partilhado de maneira totalmente consciente pelos dois atores. Os fenomenólogos já haviam destacado a importância do quiasma de ressonância entre tocante e tocado, no célebre exemplo de minha mão esquerda tocando minha mão direita (Franck, 1981; Husserl, 1996; Merleau-Ponty, 1964 a), mas nós estendemos aqui sua perspectiva até a relação intersubjetiva, que lhe dá uma outra importância.

Nós postulamos aqui em favor de um paradigma unificador que rompe com o da separação, próprio de uma visão positivista. Compreende-se melhor, então, nosso cuidado permanente em unificar os opostos, o corpo e o espírito, a subjetividade e a objetividade, a ciência e a arte.

A interioridade, o sujeito e o Sensível

A interioridade é habitualmente percebida como um dado espacial, o interior de um envelope qualquer, interioridade que o opõe, portanto, à exterioridade. Mas a interioridade pode também remeter à dimensão do pensamento, da reflexão, do imaginário...Um mundo privado, cultivado com cuidado e que alimenta seu proprietário, muitas vezes à revelia do mundo exterior. A interioridade comporta também uma dimensão espiritual, que nasce com Santo Agostinho que ordenava a seus discípulos: “Não vás para fora, entra em ti mesmo; no coração da criatura, habita a verdade.” (De vera religione) Enfim, a interioridade pode se revelar como não sendo nada mais que um exterior virado do avesso e, de certa forma, duplicado, idéia freqüentemente retomada pela fenomenologia para definir o quiasma entre o lado de fora e o de dentro

de si. É este, por exemplo, o ponto de vista fenomenológico quando enfatiza que toda percepção é o estabelecer relação com o mundo exterior.

Seguindo esta idéia, Husserl adiantava que “toda consciência é consciência de...”, para acentuar que todo fato de consciência, interior portanto, só existe em virtude de um elo com o mundo exterior.

Considerada do ponto de vista do Sensível, a interioridade é entendida segundo várias acepções: como lugar de subjetividade, lugar de profundidade e lugar de imanência. A interioridade torna-se um lugar de subjetividade, enquanto lugar de expressão do Sensível, ao som do diapasão com o mundo exterior, mas também com a própria presença que o sujeito desenvolve dele mesmo. Nós empregamos deliberadamente o termo subjetividade para lembrar a natureza singular da relação de ressonância entre o sujeito e o Sensível, natureza singular e relação qualitativa da qual já falamos anteriormente. É esta singularidade de relação que define para nós o que faz justamente um sujeito.

A interioridade torna-se também lugar de profundidade, na medida em que a implicação do sujeito, na sua relação com o Sensível, o revela a si mesmo pelo princípio de ação recíproca. Nós já enfatizamos que a relação com o Sensível implica uma proximidade radical. Não se trata, portanto, de um simples retorno a si, mas de uma real e forte presença de si, na qual o conteúdo da experiência é conhecido, não depois, mas no momento mesmo em que é vivido. O sujeito que percebe torna-se, então, sua interioridade. Nós podemos utilizar a metáfora do toque: a interioridade é profundidade, porque o sujeito é tocado pela experiência do Sensível. O toque é aqui considerado, em princípio, como contato, e, portanto, abolição de uma distância. E mais, tocar significa também ser tocado, dar valor a esse contato, o que contribui para a auto-revelação do sujeito a ele mesmo.

Antes de demonstrar em que a interioridade é, enfim, um lugar de imanência, desejamos precisar a noção de sujeito tal como ela se dá a ver na experiência do Sensível.

Para nós, uma pessoa não se reveste necessariamente da qualidade de sujeito, principalmente quando ela age sem estar presente a ela mesmo, sem estar atenciosa ao mundo que a cerca e do qual, no entanto, ela é testemunha. Essa atitude em relação à vida, que Heidegger chama a “mediatização” do homem e que considera como uma causa do distanciamento do ser, leva a uma maneira de acolher os acontecimentos da vida de forma anônima.

No âmbito da psicologia humanista, Carl Rogers adiantava que uma pessoa torna-se sujeito quando ela evoca uma experiência cotidiana passada ou presente, em situação de presença de si na enunciação. Rogers (1998) chamava pleno regime o fato de uma pessoa utilizar o eu em sua enunciação e ser tocada, inclusive surpreendida, pelo que ela diz. Nessa postura, próxima de sua experiência, a pessoa fica perto de seu verdadeiro si, mais consciente de sua personalidade.

Gendlin (1992), primeiramente discípulo de Rogers, depois fundador do Focusing, amplificava essa noção de sujeito, como pessoa que assume sua própria experiência, a ela integrando a dimensão corporal. Para ele, a pessoa torna-se sujeito quando ela se reconecta com a inteligência de seu corpo graças a uma atenção orientada para suas

manifestações internas. Assim, é sujeito a pessoa que vive seu corpo e orienta sua atenção para o vivido imediato corporal, mas vivido, a maior parte do tempo, de um modo implícito.

Para nós, uma pessoa assume o estatuto de sujeito quando cuida da presença em relação a si mesma e descobre, em plena consciência, as vivências internas ligadas à presença interior do Sensível. Neste ponto, a noção de vivência traz com ela uma dimensão qualitativa e perceptiva forte. É considerado como vivência todo fenômeno sentido, percebido e conscientizado pelo sujeito em tempo real.

Ao propor esta definição, consideramos que a natureza humana possui os recursos perceptivo-cognitivos necessários para penetrar profundamente o instante do presente em consciência. E é graças a uma relação da consciência e do sentir com sua experiência que a pessoa se descobre a si mesma como sujeito.

Finalmente, vemos como, no paradigma do Sensível, os estatutos de sujeito, de subjetividade, de âmago de experiência e de conhecimento são entrelaçados e se influenciam mutuamente: da postura do sujeito depende a qualidade da experiência; esta dá um certo conteúdo de vivência subjetivo que é, por sua vez, fonte de um conhecimento particular; por outro lado, o âmago da experiência orienta a atenção e a atitude do sujeito e o predispõe a certos conteúdos de experiência e não a outros.

O imanente o e Sensível

Enfim, a interioridade é lugar de imanência. A imanência, tal como a entendemos, é uma noção fundadora do paradigma do Sensível. Imanente qualifica, inicialmente, o que pertence propriamente a si mesmo. Por exemplo, podemos dizer que a circulação sanguínea é inerente à vida humana, pois sem ela essa vida não existiria. Para nós, e nesse sentido, o movimento interno é imanente à matéria, já que estimamos que é o movimento interno que é a fonte da animação dos tecidos do corpo. Nesse sentido, os conteúdos de vivência do Sensível são, também eles, imanentes: calor, paladar, profundidade, movimento, são propriedades inerentes à natureza própria do Sensível.

Eles são também imanentes no sentido de que não dependem de condições ou de acontecimentos exteriores, de representações já existentes ou de conhecimentos prévios. Em nossa concepção, o Sensível é imanente porque não é passagem do implícito ao explícito ou do despercebido ao percebido. Na experiência do Sensível, consideramos que é possível conhecer qualquer coisa em si, fora do mundo das representações. Por exemplo, a primeira percepção do movimento interno é um fato inédito, sem ligação com um referencial conhecido ou mesmo concebível.

Para definir os contornos da imanência própria do Sensível, estabelecemos três formas: a imanência enquanto *ato*, a imanência enquanto *conteúdo*, e a imanência enquanto *processo*.

Vimos que o Sensível não existe fora da relação que o sujeito mantém consigo mesmo; ele reclama uma maneira de ser observado, através de uma presença de si no ato de perceber. É, pois, o próprio sujeito que é “causa primeira” da emergência do Sensível: sem o esforço imanente que ele aplica a si mesmo durante o ato de percepção, o

fenômeno interno não aparece. É nesse contexto que a imanência nos aparece como um *ato* que engaja a totalidade do sujeito na vivência.

Esse ato de engajamento se exprime na instalação pelo sujeito de três naturezas de relação consigo: relação de *contato*, relação de *implicação* e relação de *significação*.

A relação de contato é a primeira e testemunha que a relação entre percebido e percebido, entre o sujeito e o Sensível, está estabelecida. A relação de implicação designa o fato de que o contato estabelecido não é um contato neutro, mas surge da postura de implicação ligada à neutralidade ativa descrita acima. Enfim, a relação de significação aponta o tipo de atitude, por parte do sujeito, que permite que significações venham a emergir da relação com o Sensível. Cada conteúdo de vivência, mas também cada palavra, cada pensamento, veicula significações múltiplas, evoluindo segundo a relação de proximidade do sujeito com o Sensível. Assim, o ato de imanência libera uma doação de sentido que depende da qualidade da relação que o sujeito estabelece com ele mesmo e sem a qual essa doação não ocorreria.

A imanência enquanto conteúdo faz referência ao movimento interno como expressão do Sensível, emergindo da interioridade do corpo, sem ligação com um exterior a si.

Enfim, a imanência enquanto processo lembra a natureza evolutiva da relação com o Sensível. Na verdade, nenhum fenômeno interno se contenta de aparecer de uma só vez, ele se revela de maneira evolutiva na interioridade viva do sujeito, graças à relação de reciprocidade, que potencializa a relação com o fenômeno e, conseqüentemente, o fenômeno mesmo. Por exemplo, o sujeito percebe de início um vago sentimento de animação interna que se clarifica à medida que a qualidade da relação com ele se desenvolve. Ou ainda, ele pode perceber de maneira global uma presença calorosa que evolui e se torna mais precisa ao longo do tempo; o sujeito pode encontrar zonas de seu corpo melhor “habitadas” que outras, sua atenção reforçando a percepção dessas zonas, ou, ao contrário, permitindo que zonas menos sensíveis se mostrem para a sua percepção. Enfim, a evolutividade nota-se também na qualidade de ligação que o sujeito estabelece com o que ele aprende de sua relação com o Sensível. Assim: “Eu via a vida fora de mim, em volta de mim, mas jamais em mim” torna-se, no contato com o Sensível: “Eu gosto de sentir que meu corpo está vivo”.

Advir e “impercebido”

A reflexão sobre a evolutividade nos leva a precisar certas noções relativas à temporalidade própria da experiência específica do Sensível.

Essa temporalidade dá-se inicialmente sob a forma de um desdobramento: o Sensível é um “lugar de si” ativo, que se desdobra permanentemente em direção a seu porvir. A temporalidade apreende-se subjetivamente sob uma forma espacial: a imediaticidade dessa vivência não é uma sucessão de momentos presentes isolados ou separados uns dos outros, mas uma abertura desses momentos, que se fundem em conjunto para dar acesso ao presente, resultando sob a forma de uma espessura, de uma certa realidade da matéria corporal, produzindo um sentimento tanto espacial como temporal.

Esse lugar de desdobramento reclama uma postura de espera potencial (para retomar um termo de Husserl) para acolher o porvir em si. Essa postura do sujeito está *voltada para* o que se desdobra, para o que se desenha lentamente à sua percepção, e mesmo para o que ainda não está presente à sua atenção.

O estudo dessas dimensões desenha o que chamamos o modelo do *advir*. O *advir* define-se para nós por um duplo movimento: de um lado a parte móvel do Sensível, processo dinâmico que conduz o sujeito para o futuro; do outro, a parte imóvel do Sensível, que acolhe o movimento da temporalidade por vir. A noção de *advir* circunscreve o lugar de encontro encarnado que atualiza o futuro no presente e contribui para dar sentido ao que era, até então, despercebido pelo sujeito.

O termo “impercebido” é, para nós, portador do processo temporal específico do Sensível. Nós o escolhemos porque sugere de início a idéia do caráter ativo que preside à sua constituição; em seguida, porque ele traz, quando se mostra, uma riqueza de percepções novas, uma potencialidade que se atualiza ao contato com o *advir*; enfim, porque, com essas percepções novas, abre-se um novo espaço de sentido por vir, uma *promessa de doação de sentido*, oferecendo à pessoa tomadas de consciência de seu presente, mas também de seu passado.

Esse desdobramento veicula, então, informações que faltavam ao sujeito para clarificar o que era até então impercebido. Essas informações trazem, num primeiro tempo, uma nova luz à problemática de sentido do sujeito. Mas, além disso, elas revelam ao mesmo tempo, por contraste, a natureza da relação anterior que obscurecia a captação do sentido.

O enriquecimento perceptivo conduz o sujeito a um conhecimento por contraste mais afinado, a uma maior lucidez: ele vê o que não via e ele tem acesso ao que não existia nele. O sujeito é, assim, colocado num lugar novo de consciência, de sentimento e de reflexão que lhe permite adquirir um novo olhar sobre seu modo de funcionamento anterior. Nós colhemos vários depoimentos em nossa tese: “Se hoje posso ver como eu funcionava antes, é porque conheço um outro funcionamento”. Ou ainda: “Com a descoberta do movimento interno, eu me dei conta do quanto, até então, meu corpo era imóvel, inconsciente e insensível.” (Bois, 2007).

É, portanto, através da vivência do movimento interno, da mobilidade e da tonalidade que o sujeito toma consciência de seu estado anterior. Assistimos aqui à derrubada de certos valores clássicos da psicoterapia, quando ela convida a explorar o passado, para trazer à luz implícitos ou inconsciências, para compreender mecanismos atuais e fornecer oportunidades de mudanças futuras. No contexto do Sensível, é a atualização do futuro que prima, e é por ela que o passado parece reatualizar-se no presente. É, pois, pela novidade que se compreende o passado e não é a compreensão do passado que dá acesso à novidade.

O sensível e a informação inédita

É neste momento que definimos os contornos da novidade que se dá no encontro com o corpo sensível.

Esta é relatada pelo sujeito como uma experiência única, inédita e até freqüentemente inconcebível. Já notamos que os conteúdos de vivência próprios do Sensível se davam fora do campo representacional habitual e que desafiavam muitas vezes as antecipações perceptivas e cognitivas. São algumas das razões que podem explicar o caráter surpreendente do que é sentido na novidade do Sensível.

No contexto do paradigma do Sensível, categorizamos três tipos de novidade, da mais simples à mais surpreendente. O primeiro tipo de novidade diz respeito a uma nova relação com um objeto conhecido, solicitando um simples reajuste de tratamento sensorial e cognitivo. Por exemplo, executar um gesto habitual, mas com uma lentidão sensorial, solicita os mecanismos “perceptivo-motores” do sujeito numa novidade desse tipo.

O segundo tipo de novidade diz respeito à emergência de uma novidade que toma forma a partir de um “já lá” implícito (Vermersch, 2003). A novidade existe, mas seu germe, de certa forma, já estava lá; há descoberta, mas o terreno dessa descoberta já estava pronto. Essa novidade já é “mais nova”, se podemos dizê-lo, mas as estruturas de acolhida cognitivas do sujeito estão preparadas para essa novidade.

O terceiro tipo de novidade refere-se a uma novidade totalmente inédita para o sujeito, como por exemplo a descoberta do movimento interno e das categorias do Sensível. Este inédito tem o gosto de uma primeira vez não antecipada e não antecipável pela estrutura de acolhida do sujeito. Nós destacamos, em testemunhos de sujeitos expostos à relação com o Sensível, os termos surgidos desse aspecto inédito do Sensível: “é a primeira vez que...”, “é novo para mim...”, “eu não sabia que...”, etc.. Essas expressões mostram o componente do encontro que não é comum nem habitual e que toma a dimensão de um momento crucial de vida, verdadeira tomada de consciência de uma sensação, de um estado de ser, até então impercebido pelo sujeito.

Seguem alguns exemplos, ilustrando os diferentes componentes existenciais vividos pelos sujeitos que realizam a experiência do Sensível. O primeiro encontro com o Sensível é sempre perturbador: “Eu estou tocado no mais profundo de mim mesmo”. Mas, essa vivência também provoca um novo olhar sobre si e sobre o mundo: “Meu corpo me devolve a imagem da minha realidade profunda, a verdadeira.; “É como se o horizonte se tornasse maior nas minhas vivências e na minha compreensão intelectual”, para finalizar em: “Eu entro na minha própria validação da existência deste mundo do Sensível, ele faz parte de mim e de minha relação com o mundo.”

Doação do conhecimento imanente e do sentido

Pelo termo de conhecimento imanente, designamos o tipo de conhecimento específico que emerge da relação com o Sensível. Falamos antes de conhecimento *imanente* para especificar precisamente que esse conhecimento provém da relação vivida, sentida e conscientizada pelo sujeito com o lugar do Sensível, ele mesmo por nós definido como imanente.

O conhecimento imanente é definido pelo conjunto das relações que se dão cronologicamente ao sujeito em sua experiência do Sensível. Portanto, em ligação com os três níveis de imanência que definimos acima, podemos precisar a natureza da

relação de conhecimento que o sujeito estabelece com o Sensível. Lembramos que é primeiramente o próprio sujeito que é a causa primeira. É graças à proximidade e implicação que o sujeito estabelece com o lugar do Sensível que a relação de conhecimento pode instaurar-se.

Em seguida, o segundo nível de imanência representava o movimento interno enquanto expressão. Lembremo-nos de que essa expressão toma diferentes formas: expressão de tonalidades internas, sensações de movimento, sensações de qualidade de presença, de globalidade, etc.. Cada expressão tem valor de informação para o sujeito, bastando considerar o fato de que o sujeito percebe, num dado instante, uma expressão mais do que outra; ele percebe, por exemplo, mais o calor que a luminosidade. Além disso, cada informação possui também um valor, na medida em que ela é receptadora de uma novidade para o sujeito: por exemplo, uma novidade de percepção ou uma novidade de ressonância.

Enfim, o terceiro nível de imanência definia a relação de evolutividade própria do Sensível. A evolutividade de que tratamos aqui, no campo da relação de conhecimento, marca o fato de que essas informações internas dão origem a um sentido emergente para chegar por si próprio a um conhecimento imanente.

Antes de caracterizar a última passagem, a maneira precisa pela qual o sentido se dá, queremos insistir na importância da própria doação. Nós dizemos “se dá” para lembrar que o Sensível é o lugar de emergência de uma forma singular de pensamento, de um *pensamento não pensado*. Depois de sua relação com o Sensível, o sujeito assiste diretamente à “eclosão de seu pensamento”, para retomar uma expressão de Merleau-Ponty. Trata-se aqui de um modo de pensamento radicalmente original, espontâneo, que possui uma dimensão encarnada, experimentada e ampla, criadora de um conhecimento que não é construído sob o cunho da reflexividade habitual.

Mas, justamente, como essa forma de conhecimento se dá à consciência daquele que a detém? Trata-se, primeiramente, de uma questão de postura que o sujeito deve adotar. E como se trata aqui de se deixar pensar, de se deixar refletir, de deixar o sentido emergir depois da relação de implicação do sujeito em sua experiência, só uma atenção sustentada mas não invasiva permite o acesso à emergência desse pensamento do Sensível. A neutralidade ativa que definimos como a postura de acesso ao Sensível assume, nesse contexto, todo seu valor.

Em seguida, se tentamos caracterizar o modo de pensamento aberto ao sentido que se dá, à promessa de sentido por vir, parece-nos que a palavra intuição não seja a mais pertinente. Trata-se antes de uma *auto-doação* emergente da carne. Auto-doação é o termo escolhido por M. Henry para definir a imanência da própria vida: “Auto-doação da vida quer dizer: o que a vida dá, é ela mesma, o que ela sente, é ela mesma (...) ela não é afetada por nada estranho a ela, por uma alteridade qualquer, mas por ela mesma. É neste sentido que eu digo: a vida é auto-afetação.” (Henry, 2004).

O Sensível, para nós, é a expressão mais encarnada da vida: ele é a expressão concreta dessa vida imanente de que fala Henry. É por isso que o sentido emergente do Sensível tem valor de auto-doação. Ele possui todos seus critérios uma vez que é encarnado, processual, do organismo e criador de sentido imediato. O Sensível é também fenomenológico, no sentido em que designa a própria doação, no seio de uma

experiência imediata, vivida, sentida, conscientizada. É uma prova de si infinitamente mais profunda que toda forma de intuição imediata, que se impõe à consciência como de surpresa, e sem que o sujeito esteja em relação com seu processo de emergência.

Agora, podemos precisar o processo de emergência do sentido da seguinte maneira. Nós já sinalizamos que, antes que o sentido tome forma, ele se anuncia sob a forma de manifestações do movimento interno. Antes de se dar em pensamento sob a forma de palavras familiares, o movimento nos interpela, chama nossa atenção e nossa presença. Depois, são as variações de tonalidades e de estado que nos dão sinal e que, por suas diferenças e sua evolutividade, apontam para um sentido que pede para nascer. Progressivamente, revela-se um pensamento inteligível que resvala em palavras num silêncio habitado. Nesse momento preciso, devemos escutar esse silêncio em movimento que transporta para nossa consciência um pensamento móvel, inaudível nesse estágio, mas completamente inteligível.

É preciso agora realizar um esforço de imanência, nada guardar, nada esperar, ficar como que suspenso a todos os possíveis, a todas as orientações, talvez mesmo ao impossível, ao inconcebível; não é talvez, é certamente mesmo. Esse tempo de suspensão nos dá o sentimento de estar adiantados em relação ao pensamento que se dá. Há, assim, um ligeiro tempo de latência que precede a doação em pensamento inteligível.

Esse íntimo interior pode agora dizer-se ao outro sem dessincronização, sem perda de sentido. A palavra é conforme ao pensamento, e ele próprio é conforme à emergência criadora, nascido da relação consciente com o movimento interno. Nós escutamos, então, a palavra que não foi pensada e que precede a emergência da palavra audível. Basta decidir e vestir as palavras inaudíveis como se fossem palavras audíveis. A partir daí, a gente deixa-se pensar, deixa-se refletir, deixa-se dizer. Finalmente, deixa-se surpreender pelo sentido que se dá de maneira mais inteligível para si.

A palavra torna-se um lugar de expressividade, um lugar de confiança que se dá. Na maioria das vezes, a palavra serve para *validar* alguma coisa de si, é como uma assinatura sobre um pergaminho: “Eu me digo a mim mesmo”, “Eu ousa me dizer a mim mesmo” e “Eu ousa oferecê-lo aos outros”.

Uma vez o sentido dado, entendido, formulado, exprimido, resta acolher a informação na sua totalidade, como uma criança que descobre uma primeira vez. Aqui, convém não assimilar essa informação à moda antiga, não interpretar essa novidade com ajuda de esquemas de pensamento não adaptados. Assim, é preciso decididamente manter-se em contato com a novidade sem deformá-la para captar toda sua originalidade.

Será conveniente criar uma passarela entre o conhecimento imanente e o conhecimento explícito segundo um procedimento perceptivo-cognitivo elaborado: recepção dos conteúdos vividos, categorização, modelização e conceptualização.

A doação do Sensível é imediatamente coerente e oferece à discriminação as categorias do Sensível. O procedimento de categorização corresponde a uma identificação precisa dos fenômenos internos, permitindo ao mesmo tempo defini-los e distingui-los de outros fenômenos internos. Por discriminação, entendemos a precisão do conteúdo de vivência de uma dada categoria. O que faz, por exemplo, a particularidade do sentido

em seu movimento para baixo, o que o distingue de um movimento circular para a frente.

O conjunto dessas categorias fornece finalmente o começo de uma modelização que permite estabelecer laços entre as diferentes categorias do Sensível, desenhando, assim, a estrutura global do campo perceptivo correspondente.

Outro exemplo, o movimento interno dá-se sob quatro categorias, uma velocidade lenta, uma orientação serpenteada, uma amplitude mais ou menos estendida e uma cadência que reproduz um vai-e-vem regular. Outras categorias do Sensível podem aparecer e, principalmente, categorias do sentido, tais como as tonalidades de bem-estar, de paladar, de gosto de si que contribuem para a plenitude do sentimento de existência, e mesmo do sentimento de existir. Enfim, uma categoria do pensado que emerge e progride sob a forma de uma linguagem interior, de palavras, de imagens, de pensamentos, de lembranças espontâneas com as quais o sujeito entra em convivência de entendimento.

A última característica do sentido que se dá, sobre a qual queremos insistir e com ela terminar, é sua *provisoriedade*. Para nós, todo sentido imóvel, não evolutivo, é mais da ordem da idéia, ou de um pensamento que se petrifica em crença, que da ordem de um pensamento sensível e imanente. A imanência, tal como nossa experiência nos faz vê-la, é sempre portadora de um porvir; o pensamento em contato com o modelo do advir é sempre um pensamento evolutivo, portador de desdobramentos não antecipados.

E é justamente porque o sentido que se dá se revela na temporalidade do sujeito que ele é provisório. Por exemplo, o fato mesmo de o sujeito integrar a sua compreensão faz com que essa compreensão desemboque numa outra colocação em perspectiva em relação à informação inicial. E a informação significativa muda pela relação de compreensão que o sujeito estabelece com ela. Assim, o sujeito, em contato com um sentido imanente, não apenas se deixa pensar, mas também explora a maneira pela qual sua atenção para com o sentido lhe permite ver que este revela, ao longo do tempo, um potencial de significações pertinente para ele mesmo.

Conclusão

Merleau-Ponty tinha por projeto uma nova filosofia, que se propunha a explorar a ligação carnal entre o corpo e o mundo; o Sensível do corpo e o Sensível como “conjunto de membros do mundo”. Ele nos convida a nos “afundar no mundo”, a “penetrar o silêncio”. É respeitando esse convite, prolongando-o para uma experiência da profundidade do corpo, ao mesmo tempo concreta e precisa, que nós viemos a descobrir uma dimensão do Sensível que não aparece em sua obra.

A relação com esse Sensível é, portanto, nascida de um contato direto com o corpo; foi através do toque manual que se elaborou, fundamentalmente, o dado do Sensível encarnado. Essa visão do Sensível inspira-se na fenomenologia, quando ela apela às experiências subjetivas que emergem do campo da imediaticidade, de uma fenomenologia considerada como prática (Depraz, 2006), mas ampliada e apoiando-se na experiência do toque manual. Este artigo apresenta-se, então, ao nosso olhar de pesquisador como uma tentativa de prolongar a fenomenologia, à luz de uma experiência corporal viva e sensível.

Queríamos também mostrar suas especificidades em relação a uma fenomenologia clássica, quando a comparação se impunha. Foi assim que notamos aproximações e divergências entre neutralidade ativa e epoché; nós propomos ampliar a noção de quiasma de Merleau-Ponty; e nós nos apoiamos sobre a noção de corpo próprio, ou corpo sujeito, ou carne, comum a Maine de Biran, Husserl e Merleau-Ponty.

Temos consciência de que poderíamos ter contextualizado mais e argumentar em torno desses diferentes termos, mas parecia-nos mais pertinente, num primeiro momento, partilhar com o leitor os componentes do Sensível, tais como nossa experiência os mostra.

Para concluir, a noção de corpo sensível pela qual militamos é a de um “corpo de experiência, do corpo considerado como sendo a caixa de ressonância de toda experiência, seja ela perceptiva, afetiva, cognitiva ou imaginária. Uma caixa de ressonância capaz de, ao mesmo tempo, receber a experiência e remetê-la ao sujeito que a vive, devolvendo-a palpável e acessível; capaz também, por vias que vão além das ferramentas cotidianas da atenção para si, de desvelar facetas da experiência inatingíveis pela via puramente reflexiva: sutilezas, nuances, estados, significações, que não se podem alcançar senão por uma relação perceptiva íntima com essa subjetividade corporal, e que poderão nutrir as representações de significações e de valores renovados” (Berger, 2005).

Nós não desejamos desenvolver aqui a dimensão metodológica do paradigma do Sensível, seja no plano da prática formadora ou no plano da pesquisa. Durante trinta anos, construímos e estabelecemos uma metodologia prática, que foi objeto de numerosos resultados de pesquisa em nosso laboratório e que apresentaremos nas próximas comunicações. Aliás, as categorias do Sensível que nós vimos emergir permitem integrar melhor a dimensão subjetiva corporal na pesquisa qualitativa, questionando, por exemplo, a subjetividade a partir do modelo da neutralidade ativa que põe o sujeito numa experiência “extra cotidiana”. Nessas condições, podemos tocar os aspectos da subjetividade não visíveis em outras condições, as condições extra cotidianas da experiência do corpo sensível permitem que o sujeito traga à luz possibilidades perceptivas novas, permitindo-lhe ir em direção à finalização de sua fibra humana.

Estamos conscientes dos problemas epistemológicos e metodológicos que suscita o fato de levar em conta o Sensível corporal em toda sua subjetividade. Mas acreditamos profundamente que a disciplina das ciências da educação tem a ganhar no reconhecimento do Sensível em sua área de aplicação.

Finalmente, pleiteamos por uma ciência lúcida do humano, capaz de abordar as questões tão cruciais e delicadas como a do ser sensível que a ela se associa. Esperamos que o paradigma do Sensível contribua para o estudo do ser humano em sua totalidade.

Tradução de Maria do Carmo Monteiro Pagano

Bibliografia

- Austry, D. (2006). Le touchant touché — Exploration phénoménologique du toucher thérapeutique. Colloque *Phénoménologie(s) de l'expérience corporelle*. Clermont-Ferrand, nov. 2006, en cours de publication dans les Actes du Colloque, 2007.
- Barbier, R. (1994). Le retour du sensible en sciences humaines. *Pratiques de formation : Microsociologies*, n°28, pp. 97-118.
- Berger, E. (2004). *Approche du corps en sciences de l'éducation, analyse critique des point de vue et positionnements de recherche. Perspectives pour un lien entre éprouvé corporel et relation pédagogique en formation d'adulte*. Mémoire de D.E.A., Université Paris VIII.
- Berger, E. (2005). Le corps sensible : quelle place dans la recherche en formation ? In C. Delory-Momberger (dir.). *Pratiques de formation, Corps et formation* (pp. 51- 64). Paris : Université de Paris 8.
- Berger, E. (2006a). *La somato-psychopédagogie*. Ivry : Point d'appui.
- Berger, E., Vermersch, P. (2006b). Réduction phénoménologique et époque corporelle : psycho-phénoménologie de la pratique du point d'appui. *Expliciter*, N°67 octobre, pp. 45-50.
- Bois, D., Berger, E. (1989). *La vie entre les mains*. Paris : Trédaniel.
- Bois, D. (2001). *Le sensible et le mouvement*. Paris : Point d'appui.
- Bois, D. (2005). *Corps sensible et transformation des représentations : propositions pour un modèle perceptivo-cognitif de la formation*. Tesina en didactique et organisation des institutions éducatives, Université de Séville.
- Bois, D. (2006). *Le Moi renouvelé*. Ivry : Point d'appui.
- Bois, D. (2007). *Le corps sensible et la transformation des représentations chez l'adulte*. Thèse de doctorat didactique et organisation des institutions éducatives, Université de Séville.
- Bourhis, H. (2007). *Pédagogie du sensible et enrichissement des potentialités perceptives*. Mémoire de master 2, Éducation tout au long de la vie, Université Paris 8.
- Courraud, C. (2007). *Toucher psychotonique et relation d'aide*. Mémoire de mestrado, Université Moderne de Lisbonne, Portugal.
- Damasio, A. (1999). *Le sentiment même de Soi*. Paris : Odile Jacob.
- Dauliach, C. (1998). Expression et onto-anthropologie chez Merleau-Ponty. In M. Merleau-Ponty, *Notes de cours sur L'origine de la géométrie de Husserl, suivi de Recherches*, pp. 305-330.

- Depraz, N. (2006). *Comprendre la phénoménologie : pour une pratique concrète*. Paris : Armand Colin.
- Franck, D. (1981). *Chair et Corps*. Paris : éditions de Minuit.
- Gendlin, E.-T. (1992). *Focusing, au centre de soi*. Québec : Le jour.
- Henry, M. (2004). *Auto-donation*. Paris : Beauchesne.
- Husserl, E. (1971). *Philosophie première, II*. Paris : PUF.
- Husserl, E. (1965). *Idées directrices pour une phénoménologie, Vol. I*. Paris : Gallimard.
- Husserl, E. (1996). *Recherches phénoménologiques pour la constitution : idées directrices Vol II*. Paris : PUF.
- Leão, M. (2002). *Le prémouvement anticipatoire, la présence scénique et l'action organique du performeur*. Université Paris VIII, thèse de doctorat en arts, philosophie et esthétique.
- Maffesolli, M. (2005). *Éloge de la raison sensible*. Paris : Éditions de La Table Ronde.
- Maine de Biran (1939). *Œuvres de Maine de Biran, Tome XI* (éd. P. Tisserand). Paris : Alcan.
- Maine de Biran (1966). *L'effort, textes choisis*. Paris : PUF.
- Maine de Biran (1995). *De l'aperception immédiate*. Œuvres complètes, IV. Paris : Vrin.
- Maine de Biran (1998). *Œuvres complètes, T. IV et T. VII*. Paris : Vrin.
- Merleau-Ponty, M. (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris : Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1964a). *Le visible et l'invisible*. Paris : Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1964b). *L'œil et l'esprit*. Paris : Gallimard.
- Merleau-Ponty, M. (1996). *Le primat de la perception*. Paris : Verdier.
- Rogers, C. (1998). *Le développement de la personne*. Paris : Dunod.
- Spinoza, B. (1954). *L'Éthique*. Paris : Gallimard.
- Varela, F., Vermersch, P. & Depraz, N. (2000). La réduction à l'épreuve de l'expérience. *Études phénoménologiques*, n° 31-32, pp. 165-184.
- Vermersch, P. (2003). *L'entretien d'explicitation*. Paris : ESF.
- www.cerap.org : site Internet de notre centre de recherche, le Centre d'Étude et de Recherche Appliqué en Pédagogie perceptive.